



Estrutura e unidade da primeira parte das “Helênicas” de Xenofonte

The structure and unity of the first part of Xenophon's *Hellenica*

Emerson Cerdas¹

e-mail: emersoncerdas@yahoo.com.br

orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9345-1702>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.23713>

Resumo: Considerada, muitas vezes, uma obra tendenciosa e cheia de lacunas, as *Helênicas* apresentam uma visão dos eventos ocorridos na Grécia a partir do olhar de Xenofonte. A narrativa das *Helênicas* cobre os eventos ocorridos na Grécia do ano 411 a 362 a.C., e a cisão estética e temática em 2.3.10 tem levado muitos autores a analisar as diferenças entre as duas partes da obra como resultado de ela ter sido escrita em dois momentos da vida de Xenofonte. Esse posicionamento conduziria o estudioso a fazer uma leitura distinta entre as duas partes, relegando à obra um caráter excessivamente episódico. Tomando um ponto de vista literário, sem julgamentos quanto à validade da informação histórica nela narrada, e partindo da hipótese de uma escrita contínua efetuada já no final da vida de Xenofonte, propomos uma leitura que visa compreender a construção da narrativa, buscando uma unidade temática e estrutural da obra.

Palavras-chave: *Helênicas*; Xenofonte; composição; unidade temática

Abstract: Often considered a biased work and full of gaps, the *Hellenica* present a vision of the events that occurred in Greece, from Xenophon's perspective. The *Hellenica's* narrative covers the events that occurred in Greece from the year 411 to 362, and the aesthetic and thematic split in 2.3.10 has led many authors to analyze the differences between the parts as a result of the work being written in two moments of Xenophon's life. This positioning leads the researcher to make a distinct reading between the two parts and results in an episodic character to the text. Taking a literary point of view, without judgments as to the validity of the historical information narrated in it, and starting from the hypothesis of a continuous writing of the work, already at the end of the life of Xenophon, we propose a reading that aims to understand the construction of the narrative, seeking for a thematic and structural unit of the work.

Keywords: *Hellenica*; Xenophon; composition; thematic unity;

¹ Pós-doutorando na Universidade de São Paulo (Brasil), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



Das questões levantadas pelos estudiosos das *Helênicas* de Xenofonte, nenhuma gera tanta discussão quanto a sua data de composição, se a obra foi escrita de modo contínuo ou em dois momentos diversos da vida do autor ateniense. Isso porque, dependendo da posição que o estudioso toma em relação às duas hipóteses, há uma nítida interferência na leitura e interpretação que se faz dela, especialmente no que tange à sua unidade temática e estrutural. Todo historiador, ao escrever, está em determinado ponto presente de sua vida a partir do qual olha, interpreta e escreve sobre o passado; como ocorre a qualquer escritor, influi nele o tempo da escritura, suas forças ideológicas, sociais, políticas, tal qual influem a sua biografia pública e experiências individuais. No próprio processo da escrita, entre o início e o fim de um livro, há evidentes mudanças, amadurecimento estilístico e intelectual, e isso é ainda mais perceptível quanto maior é a distância entre o marco inicial e final da escrita de determinada obra. É a partir do presente do historiador, por conseguinte, que ele vê os eventos ocorridos no passado e por causa desse distanciamento é que ele tenta e pode delimitar os recortes temporais que deseja narrar, escolher temas e eventos dignos de preservação e os que merecem esquecimento; é a partir do presente da escrita, inclusive, que o historiador tem conhecimento dos resultados e consequências dos eventos, afinal, ainda que, como observa Hayden White (1995, pp. 17-56), a prática do historiador se assemelhe à do ficcionista, por uma série de razões estéticas e técnicas, especialmente as referentes à construção do enredo², ele não é um ficcionista que faz da sua matéria o possível, no dizer de Aristóteles na *Poética*, mas o *acontecido* (*légein tà genómena*): ele precisa que o evento ocorra para conhecê-lo, julgá-lo digno de preservação ou menção e, por fim, escrevê-lo. Sem o ocorrido, o historiador trabalharia com o provável, como um adivinho que projeta e interpreta no futuro, com sua arte mântica, os sinais do momento presente da revelação.

Mesmo Tucídides e seus seguidores, que intentaram reduzir a distância entre eventos e escrita, não puderam fugir dessa prerrogativa. Diz o historiador ateniense, no seu famoso prefácio (*Tuc.* 1.1), que começou a escrever sobre os eventos da Guerra do Peloponeso assim que a guerra se iniciou, já dando, segundo seu ponto de vista, provas de ser a maior guerra já vivida pelos gregos, mas Tucídides morreu anos depois de a guerra terminar e mesmo assim deixando a obra incompleta. O tempo da escrita é sempre mais lento do que o tempo dos acontecimentos. Exige reflexão, análise, busca de informações; sua avaliação, exige, sobretudo, *historiar*, investigar e a partir disso compor em narrativa o rearranjo das ações. Há nisso, então, um efeito irremediável: o historiador, ainda que cronista do contemporâneo, está sempre em um ponto posterior aos eventos e, por isso, conhece os resultados das ações

² Para Hayden White (1995), o discurso ficcional e o historiográfico pertencem ambos à mesma classe quanto à estrutura narrativa, dado que o historiador deve, a partir da crônica dos eventos, estabelecer uma “estória” com relação de causalidade (começo, meio e fim) e, feito isso, elaborar dessas estórias enredos e modos de argumentação que visam a um objetivo ideológico.

políticas e militares que resultaram positiva ou negativamente. Nessa posição privilegiada, um sinal, uma movimentação, que era aparentemente insignificante, pode, *a posteriori*, converter-se em algo significativo e revelador que mereça ser anotado e revelado aos leitores. Por isso, conhecer a data da composição de uma narrativa historiográfica da Antiguidade é importante, pois, tendo em mente a sua importância e influência na escritura, julgamentos prévios a respeito de qualidade de tal ou tal historiador podem ser significativamente modificados.

O caso das *Helênicas* de Xenofonte, nesse sentido, é emblemático pela série de problemas que levanta. A questão da sua datação é aberta às hipóteses e conjecturas, justamente pelo fato de não conter um prólogo programático onde o autor poderia nos esclarecer seus pontos de vistas e suas intenções em relação à obra. Mesmo no decorrer da narrativa, quase não há comentários meta-historiográficos, com exceção de algumas poucas passagens que, para Rahn (1971), podem nos indicar alguma ideia do conceito de *tà aksióloga* para Xenofonte dentro das *Helênicas*. São, entretanto, comentários muito esparsos e indiretos, o que dificulta a interpretação global desse conceito na obra.

A narrativa das *Helênicas* em sua totalidade cobre os eventos ocorridos na Grécia do ano 411 a 362, e há uma clara cisão estilística e temática em 2.3.10³, quando é narrado o fim da Guerra do Peloponeso e a hegemonia espartana na Grécia passa a ser o foco principal do livro. Desde o ensaio de Niebuhr (1827), têm-se tratado essas diferenças como resultado de uma escrita separatista, ou seja, em dois momentos distintos da vida do historiador ateniense. Alguns poucos estudiosos, no entanto, modernamente contestam tal posição e aventam a possibilidade de uma escrita contínua, tendo em Gray (1991) a sua principal defensora. De fato, o maior problema que reside na hipótese da escrita contínua está no distinto estilo e tema observado nas duas partes e aceita-se que há na primeira parte o desejo de Xenofonte em ser um imitador de Tucídides, posição que dá lugar a uma escrita mais autoral na segunda parte. Segundo Lesky (1995, p. 653),

A obra [de Xenofonte] introduz com um μετὰ δὲ ταῦτα os acontecimentos de 411 e procura, assim, uma ligação directa com Tucídides. O facto de nem tudo se adaptar perfeitamente pode aqui ser deixado de parte⁴. Na linha desta divisão intencional a Tucídides, mantém

³ O ponto exato em que ocorre a cisão não é um assunto resolvido pelos estudiosos: Marincola (2009, p. xxxiv), por exemplo, assinala que a interrupção da escrita da primeira parte ocorre em 2.2.23, enquanto, para Lesky (1995, p. 653) e Hatzfeld (1973, p.8), ela se dá em 2.3.9; já Dillery (2001, p. 14) e Thomas (2009, p. xxxii) seguem a interpretação mais tradicional, que vê a interrupção em 2.3.10, posição seguida também por Tuplin (1993, p. 11), que acrescenta que essa passagem, na Antiguidade, deveria marcar também o fim do livro 2 e o começo do 3. Em contrapartida, Thomas (2009, p. xxxiv), que, como Marincola (2009), vê a cisão em 2.2.23, acredita que era nesse ponto que o livro 2 na edição da Antiguidade terminava, porque nessa passagem há uma observação de que a queda de Atenas diante de Esparta significava a proclamação da liberdade para todos os Gregos e daria, assim, um belo final para a primeira parte.

⁴ Contestando essa afirmação de Lesky, McLaren (1979) mostra que a obra de Tucídides deixou três fios narrativos incompletos que Xenofonte retoma em algum momento do livro 1. Acresce a isso a observação de que apenas personagens que não foram citados por Tucídides merecem alguma apresentação por parte do narrador.

o princípio analítico na divisão da matéria e a narração faz-se de maneira mais intencional possível. É assim até 2.3.9, com o fim da Guerra do Peloponeso, isto é, até o ponto em que o papel complementar quanto a Tucídides chegava à sua natural conclusão.

Nessa perspectiva de continuação e imitação a Tucídides, as características mais manifestas são a escrita analítica, com poucas digressões, a ausência de informação quanto às fontes e o efeito de objetividade criado para garantir a autoridade e credibilidade, além da concentração em um tema específico, selecionando-se apenas o que se relacionava a esse tema, sem se tentar criar uma história global⁵, enquanto na segunda parte se observa uma maior preocupação com a caracterização dos personagens, diálogos, juízos de valor do autor-narrador em primeira pessoa, referências a anedotas por meio de locuções como “alguns dizem”, e, principalmente, a influência da divindade nas movimentações históricas (HATZFELD, 1973, p. 6). Assim, enquanto Xenofonte narra o fim da Guerra do Peloponeso, deixada inacabada por Tucídides por conta de sua morte, ele parece seguir o seu modelo e, quando esse tema chega ao fim, inicia-se tanto um tema novo quanto um estilo mais autoral.

Tomando-as como distintas, estabelecer a data de composição das duas partes tornou-se um novo problema para os estudiosos. As hipóteses levam em consideração alguns pontos essenciais da vida de Xenofonte: a sua partida à Pérsia como mercenário acompanhando Ciro, a escrita da *Anábese* e sua estadia no Peloponeso com Agesilau. Tanto Delebecque (1957) quanto Anderson (2008), em suas biografias críticas do autor ateniense, estabelecem a data da composição da primeira parte no início da sua juventude até 390, enquanto que a segunda parte teria sido iniciada em 381 até o fim de sua vida, depois da escrita da *Anábese*. Já Thomas (2009) propõe que a narrativa dos últimos anos da Guerra do Peloponeso data da primeira metade da década de 380, quando ele já se encontrava no Peloponeso. Tuñón (1994, p. 8) propõe como data provável o ano de 390, assim como Hatzfeld (1973, p. 9), seguindo o esquema de Delebecque e Anderson. Em relação à escrita da segunda parte, aceita-se, com maior conformidade, que ela deve ter sido composta, provavelmente, entre os anos 362–356/55, no mais tardar em 353⁶, por conta de uma afirmação que o próprio Xenofonte dá em 6.4.37 nas *Helênicas*.

Dizem alguns que o ódio a seu marido nasceu quando Alexandre acorrentou seu próprio *paidiká*, um belo rapaz, e tendo ela pedido que o soltasse, ele, primeiro, o soltou, mas depois o degolou; outros, no entanto, dizem que foi quando enviou mensageiros a Tebas e pretendeu tomar para si a mulher de Jasão, porque não tinha filhos de sua própria esposa. Assim, contam-se as causas da conspiração de sua mulher; Tisofono, o mais velho

⁵ Em seu texto *Sobre a Imitação*, Dionísio de Halicarnasso afirma que Xenofonte era um imitador de Heródoto, não de Tucídides, no que tange às expressões estilísticas e escolha de tema. O mesmo autor, em carta a Pompeu Gémio, critica a escolha de Tucídides quanto ao tema, afirmando que ele escolheu uma história que nem é bela nem agradável aos seus leitores e que, pelo caráter conciso dos eventos, torna-se excessivamente repetitiva.

⁶ Cf. Tuplin (1993, p. 29).

dos irmãos, ocupava o cargo depois deste fato até a época em que se escrevia essa história⁷.

Nessa passagem, Xenofonte narra o assassinato de Alexandre de Feras causado pela conspiração de sua esposa, apresentando duas versões como causas (*aitíai*) para a inimizade do casal. A presença do verbo *légetai* indica que o narrador não assevera qual das versões é verdadeira. Todavia, o importante, para nossa discussão, é que, na passagem citada acima, o narrador diz que Tisofono ainda detinha o poder daquela cidade até o tempo em que ele escrevia essa história (ὄδε ὁ λόγος ἐγράφετο). A partir dos dados históricos, sabe-se que Alexandre foi assassinado entre 358/57 e que Tisofono governou dessa data até a sua morte, provavelmente, em 355⁸. Assim, a segunda parte foi escrita depois da *Anábase*⁹ e, conforme indica Strasburguer (1970, p. 668-69 apud TUÑON, 1994, p. 9), as duas obras apresentam qualidades literárias e estilísticas próximas que apenas de forma incipiente aparecem na primeira parte¹⁰.

Mesmo que aceitemos essa relação de imitação e as mudanças estilísticas que justificam a cisão da obra em duas, isso, necessariamente, indicaria uma escrita em dois momentos distintos da vida de Xenofonte? Parece-me que, na assertiva tradicional, há um dado preconceito – fundado no século XIX e que ainda se mantém em determinados campos de estudos – em relação a Xenofonte, diminuindo algo que na Antiguidade lhe rendeu muitos elogios: a sua qualidade como escritor. Devemos lembrar que ele foi o primeiro *polígrafo* da Antiguidade, alguém que procurou sempre renovar seu estilo em diferentes gêneros literários. Sua própria biografia literária indica uma constante preocupação quanto à adequação de escrita e gênero, de estilo e tema. Não poderia, portanto, ser o caso das *Helênicas*? A própria passagem citada acima (6.4.37) não é nada esclarecedora, afinal, o narrador, com a expressão *tôn dè taúta praksánton ákhri hoú hóde ho lógos egrápheto*, estaria se referindo a toda segunda parte, a essa passagem específica sobre a história dos tiranos da Tessália ou ao livro todo, desde o primeiro *metà taúta* do livro 1?

Tomando a posição de uma escrita contínua, nosso trabalho passa a ser compreender os motivos que o levaram a escrever com dois estilos e o resultado que isso gera na sua estrutura e na sua unidade; afinal, na perspectiva da escrita separatista, entende-se que as duas partes são duas obras distintas unidas por algo meramente formal, sem intuítos literários e historiográficos: a conexão temporal entre a data dos eventos. Compromete-se, assim, a ideia de uma unidade da obra, e a própria inclinação dos estudos a respeito dela demonstra isso, uma vez que há uma tendência generalizada em analisar suas fatias anedóticas e episódicas

⁷ Todas as traduções das *Helênicas* são de nossa autoria, a partir do texto estabelecido por Hatzfeld para a edição da Les Belles Lettres (1965; 1973).

⁸ Tuplin (1993, p. 29) aventa a possibilidade de que Tisofono tenha morrido em 353, observando que, só a partir dessa data, autores antigos indicam que era outro o tirano de Feras.

⁹ Nas *Helênicas* III,1, 1-2, o narrador faz menção aos eventos narrados na *Anábase*, dizendo que a obra foi composta por um tal de Temistógenes de Siracusa, indicando que o livro já havia sido publicado.

¹⁰ A ressalva de Strasburguer são as cenas da “Chegada de Alcibíades ao Pireu” (1.4.8-20), “O processo de Arginusas” (1.7), entre outras.

em busca de seus possíveis objetivos e intenções apenas em cada trecho analisado, relegando a um segundo plano a ideia de unidade formal e temática¹¹. Se aceitarmos, no entanto, a hipótese de uma escrita contínua, há uma grande mudança de perspectiva na forma de se ler e interpretar a primeira parte das *Helênicas*, uma vez que ela deixará de ser um livro “autônomo” e passará a ser parte integrante de um todo mais complexo. Assim, as diferenças temáticas e estilísticas das duas partes se dão por outros motivos que não a data de composição e, nesse caso, devem-se buscar as explicações e motivos dentro do próprio texto, nas outras obras xenofonteanas e nas próprias práticas de escrita historiográfica da Antiguidade, além de numa análise literária mais cuidadosa. Além disso, as passagens em que se notam elementos como a presença do divino, o comportamento do líder e a presença do discurso direto, deixam de ser fruto de um estilo incipiente de um jovem escritor e passam a ter uma implicação significativa na construção da narrativa.

Partidária da escrita contínua das *Helênicas*, Vivienne Gray (1991) acredita que é natural que um texto de tal tamanho, que demanda anos de escrita, tenha e reflita mudanças e diferenças literárias, para não dizer ideológicas do autor. Para justificar a sua postura, em seu artigo *Continuous history and Xenophon, Hellenica 1-2.3.10*, Gray demonstra, pela análise de elementos estilísticos do texto, do uso dos sinônimos e do uso de partículas¹², que as diferenças são apenas aparentes e revelam, na verdade, uma preocupação natural de um escritor que tenta adaptar estilo e tema, de acordo com as prescrições da retórica clássica. Segundo a autora, “Xenofonte era um mestre do estilo, que seguiu o princípio da propriedade retórica e variava sua linguagem de gênero a gênero, passagem a passagem, para encaixar o modo e o tom requeridos¹³” (1991, pp. 211-2).

Para a autora, o que justificaria a mudança de estilo é que a primeira parte das *Helênicas* é uma narrativa “sumária”, que, aproveitando-se do fato de Tucídides ter deixado a sua narrativa inacabada, faz uma espécie de introdução das ações que conduzem aos eventos narrados na segunda parte, em que se localiza o verdadeiro tema das *Helênicas*, a hegemonia e queda de Esparta pós-guerra do Peloponeso. Como narrativa sumária, introdutória, a primeira parte apresenta um estilo mais direto, conciso, apegada essencialmente a rápidas descrições dos movimentos militares e políticos¹⁴, concatenadas quase taquigraficamente. O ponto de apoio para a interpretação de Gray (1991) encontra-se no prefácio da *História Pragmática* de Políbio, em que o escritor grego justifica o uso da forma sumária como meio

¹¹ Conforme Tuplin (1993), essa postura analítica em geral deixa de lado a função historiográfica da obra em virtude dos aspectos didáticos que sempre marcaram a produção de Xenofonte.

¹² A contestação de Gray se desenvolve como resposta às análises de McLaren Jr. (1934a; 1934b) e Henry (1967), que focam na presença ou ausência de determinadas estruturas linguísticas entre as partes para afirmar a escrita em dois momentos distintos da vida de Xenofonte.

¹³ Tradução de nossa autoria. No original: “Xenophon was a master of style who followed the principle of rhetorical propriety and varied his language from genre to genre and passage to passage to fit the required mood or tone”.

¹⁴ Para Rahn (1971), Xenofonte, na primeira parte, atém-se ao programa historiográfico apontado por Tucídides, que, através do conceito de *aksiologótaton*, estabeleceu como tema a narrativa da política e economia das grandes cidades em guerra, relacionando-a às palavras *dapanémata* (grandes recursos), *kíndynos* (perigos) e *mekhanémata* (estratégias de guerra).

de tornar claro e compreensível ao leitor os movimentos históricos que conduziram para o verdadeiro tema de sua obra. No caso de Políbio, o sumário faz uma ponte entre o final da narrativa de Arato até o início do seu tema, o domínio militar de Roma no mundo conhecido.

Tais fatos se encadeiam ao final da obra de Arato de Sicião. [3] Antes dessa época, os eventos do mundo estavam, por assim dizer, desconexos, pois cada fato era distinto por seu início, conclusão e localização. [4] A partir de então, porém, *a História se tornou como que um corpo único*: os fatos da Itália e da África se coligaram aos da Ásia e da Grécia, e todos convergiram para um fim. [5] Por isso iniciamos nessa obra por esses tempos¹⁵. (I.3.2-5)

Deixando esse assunto, é hora de tratar do que foi proposto, expondo *esmiuçada e sumariamente* os fatos dos livros introdutórios. [...] *Enumerar em detalhe cada um dos ditos fatos não nos é necessário nem útil aos leitores,* [7] *pois não nos propusemos a historiá-los; antes, preferimos recordá-los sumariamente como introdução a fatos posteriores que historiaremos.* [8] Por isso, ao recapitulá-los conforme sua sequência, tentaremos conjugar o final da introdução ao início proposto para nossa história (I.13 – I.13.6).

Nota-se que, segundo Políbio, à parte sumária da narrativa não são necessários tantos detalhes, dado que a sua função é introduzir o tema principal, aquele que ele vai, de fato, *historiar (historeín)*, ou seja, investigar, pesquisar e examinar. Como não é seu tema, retoma apenas *esmiuçada e sumariamente (epì brakhý kai kephalaidós)*, sem enumerá-los em detalhe. Assim, conforme Gray (1991, p. 205), Políbio acreditava que o historiador deveria começar a sua história no “nascer de uma nova era”, porém este nascer necessitava da narrativa sumária dos eventos anteriores para que ficassem claras aos leitores as ligações entre os períodos. Transferindo esse ideário a Xenofonte, Gray vê então que a primeira parte da obra é a história sumária que introduz o tema principal, narrado a partir de 2.3.11. Como Tucídides morreu, deixando inacabada a obra, faltaria ao leitor das *Helênicas* a narrativa de como Esparta chegou ao poder em 404, e Xenofonte usa a primeira parte da obra para suprir essa ausência.

É claro que, sendo Políbio um autor posterior a Xenofonte, pode-se acusar essa interpretação de anacrônica, transferindo um comentário de um escritor do século II para outro do século IV. Além disso, a ausência de um prefácio nas *Helênicas* dificulta qualquer afirmação taxativa nesse sentido e que não reconheça os perigos da hipótese e da especulação. Apesar disso, esses elementos nos parecem adequados e justificam a abordagem de que o texto foi escrito de modo contínuo num mesmo período da vida de Xenofonte, mais ou menos entre 360–350. Partindo desse pressuposto, temos então uma interpretação diversa do conteúdo da primeira parte, uma vez que aspectos ideológicos e estilísticos, presentes abertamente na segunda parte, podem ser refletidos na primeira. A distância entre o início e

¹⁵ As traduções do texto de Políbio são de autoria de Breno Battistin Sebastiani.

o final da escrita da primeira e da segunda parte é dirimida, porém a distância entre escrita e eventos exacerba-se, em especial quanto aos eventos de 411-404. Isso nos permite conjecturar que as *Helênicas* não são duas obras juntadas numa só, mas que apresentam uma unidade; nessa perspectiva, a obra recupera a força de um texto concebido não pelo recolher de episódios assimétricos e aleatórios, mas por um projeto historiográfico e literário mais consistente.

Olhando a primeira parte da narrativa sob a luz da segunda, notamos que as quebras do modelo programático, já ressaltadas por Strasburguer (1970) e Gray (1989), não são casuais e se alinham às perspectivas do tema e estilo mais autoral da segunda parte. Tomemos a análise de dois temas: 1) a participação divina e 2) o desempenho do bom líder militar.

Em 1.3.1, Xenofonte abre a narrativa do ano 409/408 com a seguinte conexão cronológica:

[3] No ano seguinte, o templo de Atena na Fócia foi incendiado pela queda de um raio. Quando o inverno acabou, *Pantáculos era éforo e Antígenes, arconte, a primavera chegou no vigésimo-segundo ano da guerra*, os atenienses partiram para o Proconeso com toda a sua frota. (Grifo. nosso).

Sabe-se que muitos dos comentários cronológicos que ligam os anos da primeira parte das *Helênicas* são espúrios, provavelmente do terceiro século, e, em geral, são inexatos¹⁶ (HATZFELD, 1973, pp. 155-6); no trecho acima, o itálico marca o acréscimo e se for suprimido não causará nenhum dano à sintaxe da frase; sobretudo, é uma informação equivocada. Antígenes, por exemplo, não foi arconte nesse ano, mas em 407/406. Por outro lado, nenhum dos editores por nós consultados acredita que a informação referente à queima do templo de Atena na Fócia não provenha diretamente de Xenofonte, embora, segundo Hatzfeld (1973, p.157), não se tenha nenhuma referência exata a respeito desse evento. O mesmo ocorre em 1.6.1:

[6] No ano seguinte, quando a lua eclipsou ao entardecer e, em Atenas, o antigo templo de Atena foi incendiado, *sob o éforato de Pítia e arcontado de Cálías em Atenas*, os lacedemônios, tendo expirado o tempo de Lisandro, *no vigésimo quarto ano da guerra*, enviaram para o comando das naus Calicrátidas.

O eclipse lunar ocorreu em 406, e embora sejam interpolações as informações em itálico, elas estão corretas e, nesse caso, são consideradas interpolações por seguirem o modelo encontrado em outros trechos, não pela falta de precisão histórica. Nada se sabe, também, do incêndio do templo de Atena, porém nenhum dos editores contesta a sua autenticidade. Em

¹⁶ Afirma-se que as ligações cronológicas por ano ou estação são influências diretas do método de Tucídides; as interpolações, entretanto, fogem das práticas tucidideanas, pois Tucídides não faz em nenhum momento comentários a respeito das Olimpíadas com esse fim e apenas em duas ocasiões se utiliza dos cargos anuais de éforos e arcontes para estabelecer a cronologia.

nossa opinião, na presença de prodígios e catástrofes naturais, há não apenas o desejo de Xenofonte em estabelecer com precisão a cronologia dos eventos, mas também em indicar ao seu leitor o desagravo divino em relação ao que está se passando na Grécia, especialmente em Atenas. São manifestações, portanto, religiosas. Quando comparadas a outras conexões temporais bem mais diretas, como, por exemplo, em 1.2.1 ou em 2.1.10, não nos parece casual a busca por uma especificação maior nesses dois anos. Para que isso fique claro, é preciso entender a conexão entre esses prodígios e os eventos ocorridos nesse período.

A religiosidade é um tema importante nas obras de Xenofonte, embora se trate de uma concepção religiosa mais prática do que teórica. Sua postura em relação ao mundo divino é bastante clara e está em sintonia com o conceito popular de piedade, que é, basicamente, o respeito às práticas ritualísticas e a não ofensa aos deuses (HUTCHINSON, 2000, p. 111). Isso implica que ao cidadão corresponde uma série de normas e práticas ritualísticas que ele deve seguir à risca para garantir dos deuses a boa-vontade. Como consequência, na lista de virtudes para os bons líderes que assomam por toda a literatura xenofontea, a piedade tem papel importante, já que de nada servirá a boa formação (*paideía*) e o talento natural (*phýsis*) se o homem não tiver ao seu lado a boa-vontade divina.

A piedade é um conceito importante no campo moral dos helênicos e é expressa por meio de duas palavras: *eusébeia* e *hosía*, que apresentam certa proximidade semântica. Para Chantraine (2009, p. 831), o que diferencia esses dois conceitos é que *hósios* é aplicado ao homem com uma ressonância moral, enquanto *eusebés* implica somente o respeito aos deuses por meio de ritos e sacrifícios; ou seja, tem um caráter mais prático e cotidiano. Para ser piedoso, o homem deve estabelecer uma posição de agradecimento e proteção com os deuses e o contato é feito, principalmente, através de sacrifícios generosos e pontuais, tanto no âmbito individual quanto coletivo, respeitando o calendário religioso da cidade (DOVER, 1974, p. 246). Não seguir essas práticas acarreta um desrespeito aos deuses. Essa concepção é clara na narrativa da *Anábase* (7.7-8), em que o personagem Xenofonte, após uma série de tentativas frustradas de retorno à Grécia, descobre, por meio do adivinho Euclides, que o real obstáculo para seu retorno é Zeus Milíquio, o acolhedor de sacrifícios expiatórios, a quem Xenofonte não fizera sacrifícios e oferendas desde que partira na expedição de Ciro. Após cumprir suas obrigações religiosas, Xenofonte entrega seus soldados para que Tíbron os conduza em guerra contra os persas Tissafernes e Farnábazo, e se despede da narrativa retornando para a Grécia. O vínculo é evidente: no entender de Xenofonte, os deuses castigam aqueles que descumprem suas obrigações religiosas.

A dificuldade reside, entretanto, em definir quais práticas e atos configuram-se como impiedade, conceito não muito bem definido pelos gregos e de grandes implicações no mundo jurídico ateniense do século V e IV (LEÃO, 2004, p. 203). No diálogo platônico *Eutífron* (14-15), por exemplo, Sócrates critica a relação venal de trocas de favores, em que o homem respeita e oferece dádivas aos deuses apenas por interesse pessoal e acrescenta que, para se compreender o que é um ato pio, deve-se, primeiro, compreender o que é um ato justo, pois a piedade é parte da justiça (*dikaíosýne*). Segundo Dover (1974, p. 253), essa aproximação não existia no imaginário popular antes do século IV a.C., já que, em geral, *eusébeia* e *dikaíosýne* eram distinguidas entre o que diz respeito aos deuses e o que diz

respeito aos homens, respectivamente. Segundo esse imaginário, o homem podia ser piedoso (respeitar os preceitos divinos, cumprir os ritos), sem necessariamente ser justo (descumprir as leis humanas), talvez como decorrência da distinção que havia entre *nómos*, lei humana, e *thémis*, lei divina. Porém, à medida que ocorre a aproximação, ações injustas tanto em relação aos homens quanto em relação aos deuses passam a ser consideradas ímpias e podem causar danos tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. É neste sentido que diz Aristóteles (*Virtudes e vícios*, 1251a30): “Impiedade é uma negligência seja para com os deuses e os gênios protetores, seja para com os mortos, os parentes e a pátria¹⁷”.

De um ponto de vista prático, os atos que ofendem os deuses são profanações dos santuários e violação das coisas relacionadas aos seus cultos, não cumprimento dos ritos oficiais ou quebrar um voto ou pacto que se tome um deus como testemunha. No *Banquete* de Xenofonte (IV.4.49), Hermógenes diz que consegue a amizade dos deuses oferecendo parte de seus bens, louva-os sempre que pode e, quando se coloca sob juramento, nunca mente. Pode-se também ofender a divindade por meio do orgulho, do uso de imprecações e insultos e as consequências desses atos podem recair sobre a cidade, que, por isso, deve impor um duro castigo ao ofensor para que se aplaque a ira divina.

Se os entrecchos cronológicos que citamos acima, conforme nossa leitura, prenunciam descontentamento divino em relação aos atenienses (note-se que os dois templos queimados são de Atena, patrona da cidade), é preciso então investigar no texto elementos que possam ser lidos como geradores da ira divina, ações ímpias tanto em relação aos deuses quanto em relação aos homens, e de imediato o episódio da “Chegada de Alcibíades à Atenas” (1.4.12–20) vem à nossa mente.

[12] Ao ver que eles eram favoráveis e que o haviam elegido estrategista, e que seus amigos íntimos vinham buscá-lo pessoalmente, [Alcibíades] aportou no Pireu no dia em que a pólis celebrava as Plintérias, quando a estátua de Atena estava totalmente coberta, o que alguns pressagiaram como de mau agouro (*anepitédeion*) tanto para ele quanto para a cidade, pois nenhum dos atenienses ousaria, nesse dia, realizar qualquer ação importante. [13] Quando ele desembarcou, uma multidão vinda do Pireu e da cidade se reuniu junto dos navios, admirados e desejando ver Alcibíades, uns dizendo que era o melhor cidadão e o único que se defendeu alegando que seu exílio era *injusto*, vítima da conspiração de pessoas menos poderosas que ele, que diziam falácias e governavam pelo próprio interesse, enquanto ele sempre empregava seus próprios recursos e os da cidade para os interesses públicos; [14] e querendo ser julgado imediatamente, quando era recente a acusação de que cometera *sacrilégios nos mistérios*, seus inimigos, passando por cima do que era considerado justo, quando ele estava fora de Atenas, o exilaram. [15] Nessa época, escravizado pela falta de recursos, se viu obrigado a servir seus piores inimigos, correndo continuamente o risco, a cada dia, de morrer, e enquanto via seus amigos mais íntimos, parentes e também a cidade toda fracassarem, não podia ajudar por estar

¹⁷ Tradução de M. Reus Engler.

exilado. [16] Além disso, disseram que não era característico de homens como ele desejar as mudanças políticas e as revoluções, pois do regime democrático ele obtinha maior distinção do que seus contemporâneos, e não era considerado inferior aos mais velhos, enquanto seus inimigos continuavam os mesmos que eram antes do exílio, e mais tarde foram capazes de aniquilar os melhores cidadãos, e já que só eles restaram, gozam de consideração pelos cidadãos, pois não havia outros melhores de quem eles pudessem se servir. [17] Ao contrário, outros diziam que ele era *a única causa dos males passados, e que se corria o risco de que ele fosse o único responsável para os futuros males com seu retorno*. [18] Entretanto, Alcibíades, ancorado junto à costa, desembarcava sem pressa, temeroso que estava dos inimigos; mas, de pé sobre a ponte do navio, observava do alto se seus aliados estariam presentes. [19] Quando viu lá embaixo seu primo-irmão Euríptólemos, filho de Pesianactos, e o resto de seus parentes e amigos, do navio desceu e subiu para a cidade, acompanhado dos homens que haviam se preparado para impedir, caso alguém se aproximasse, de tocá-lo. [20] No Conselho e na Assembleia, defendeu-se dizendo que não cometera sacrilégio e que fora vítima de uma injustiça, e depois de outras declarações desse tipo e como ninguém o contradizia, porque a assembleia não teria tolerado, foi por todos proclamado comandante supremo com plenos poderes (ἡγεμὼν αὐτοκράτωρ), porque era capaz de recuperar o antigo poder da cidade. E, embora os atenienses celebrassem, por causa da guerra, os mistérios por mar, ele fez a procissão em terra, conduzindo todos os soldados. (Grifo nosso).

Toda a passagem está repleta de referências a atos que podem ser entendidos tanto como ímpios quanto injustos. A chegada durante a realização das Plintérias, festa anual em que os atenienses cobriam a estátua de Atena, já indica um presságio negativo, dado que neste dia “nenhum ateniense ousaria fazer nada de importante”, dia que, segundo Fustel de Coulanges (2006, p. 203), era o mais nefasto de todos. É claro que a coincidência de Alcibíades chegar no dia da festa rememora-nos outro ato ímpio no qual está envolvido o histórico personagem ateniense, a profanação dos mistérios e a mutilação dos Hermes. A principal fonte desses acontecimentos é a narrativa de Tucídides (6.27-9; 53; 60-1), que, conforme Leão (2004, p. 214), deixa entrever que Alcibíades está claramente envolvido apenas na profanação dos Mistérios, enquanto que na mutilação dos Hermes seu nome foi envolvido por questões políticas. Em todo caso, no momento em que a personagem ganhava maior atenção no mundo político ateniense e, por conseguinte, atraía também muitas inimizades, essa acusação o levou a julgamento, mas, antes da sua realização, os atenienses o elegeram estratega na expedição à Sicília – da qual ele fora o principal entusiasta –; no meio da expedição, os atenienses enviaram um navio para buscá-lo para que fosse julgado e ele fugiu se exilando em Esparta. Com sua ausência, foi condenado à morte pelos atenienses e passou a colaborar com os Espartanos. Ao retornar, Alcibíades busca defender-se dessas acusações, primeiro, negando a participação naqueles eventos ímpios e, depois, imputando outras acusações aos seus detratores, afirmando que eram corruptos e o perseguiram por

questões políticas; absolvido, foi eleito comandante supremo, com plenos poderes, mas logo em seguida foi destituído do cargo.

A narração da chegada de Alcibíades, com toda a grandiosidade que se dá pela presença da multidão – em um dia *nefasto* –, ele do alto do navio contemplando a multidão que vinha com admiração olhá-lo e protegê-lo dos inimigos, dá-nos a impressão de um ato de *hýbris*, de orgulho desmedido¹⁸. Ressoa a chegada de um grande herói; ressoa, sobretudo, a chegada de Agamêmnon no drama homônimo de Ésquilo. Há que se notar que a passagem termina com a informação de que Alcibíades foi eleito “comandante supremo” (*hegemón autokrátor*), ou seja, recebendo um poder além do que se espera em uma democracia, e com a informação de que os mistérios, por causa da guerra, eram celebrados por mar, e mesmo assim ele fez a procissão por terra; esta informação indica tanto o quanto a guerra afeta os assuntos religiosos, quanto o caráter arrogante de Alcibíades, recordando o comentário das *Memoráveis* Xenofonte, em que se afirma que Alcibíades foi “na democracia, o mais desregrado, o mais insolente e perverso de todos” (1.2.12).

A cena da chegada de Alcibíades é uma das que tem maior destaque na primeira parte das *Helênicas* e mais se aproxima do estilo apresentado na segunda parte, especialmente quando comparada com o restante do livro 1, realçando os detalhes e o uso do discurso indireto. A participação de Alcibíades, na sequência da história, traz novas indisposições com os atenienses (1.5.16) e ele é acusado de negligência e fraqueza (*améleían te kai akráteian*), sendo, por isso, destituído do cargo; parte, então, para o Queroneso, enquanto os atenienses elegem dez novos estrategos, os quais estarão envolvidos na famosa batalha de Arginusas, em 406, justamente o ano em que “a lua eclipsou ao entardecer e, em Atenas, o antigo templo foi incendiado” (1.6.1).

No caso da batalha de Arginusas, a implicação de impiedade e injustiça não está na batalha em si, mas na famosa discussão levantada pelo não recolhimento dos naufragos, por causa da forte tempestade e, com esse argumento, os generais serão acusados no tribunal; por outro lado, a narração do processo que cobre todo o capítulo 7 do livro 1 é exemplar em criar um ambiente confuso e tenso do julgamento, com as idas e vindas de uma população que não sabe exatamente o que decidir e é manipulada por artimanhas, como a de Teramênes e seus partidários, que, aproveitando-se da celebração das Apatúrias (1.7.8), levaram à assembleia numerosos cidadãos vestidos de preto, como se estivessem de luto e fossem parentes das vítimas, para comover e convencer os presentes. As discussões sobre a forma com que os generais deveriam ser julgados, se todos juntos ou cada um em separado, as mudanças nas decisões, tudo isso dá ao leitor uma imagem vívida do momento político ateniense e mostra os perigos da corrupção e do mau uso dos poderes democráticos. Nota-se, por exemplo, que o narrador várias vezes refere que os direitos de defesa dos estrategos foram negados ou corrompidos, como em 1.7.5-7, ao afirmar que tiveram que se defender resumidamente sem o tempo de fala determinado por lei, enquanto os acusadores tinham tempo suficiente para trazer testemunhas e apresentar moções.

¹⁸ Em 6.28.1, Tucídides afirma que Alcibíades, pelo envolvimento na profanação dos Mistérios, era acusado de *hýbris*, no caso traduzido por “insolência”.

Em nossa opinião, há dois momentos que deixam clara a posição contrária do narrador sobre as decisões tomadas: a participação de Sócrates, que se posiciona contra o julgamento, ao se negar a fazer algo que não fosse justo (*ouk katà nómon*), e a narração do discurso de Euríptólemo (1.7.16-33), o único discurso longo de todo o livro 1 e que se baseia na tentativa de convencer a assembleia a fazer o justo e o piedoso (*tà díkaia kai hósia*), que seria o julgamento de cada um em separado. Inicialmente a sua proposta é aceita, mas depois de Ménecles considerá-la injusta, uma nova votação decidiu que a moção do Conselho de julgar todos de uma vez só foi aceita, e os estrategos foram condenados à morte; porém, logo em seguida, os atenienses se arrependeram do que fizeram.

[35] Não muito tempo depois disso, os atenienses se arrependeram e votaram que fossem processados os que enganaram o povo (τὸν δῆμον ἐξηπάτησαν) e que se estabelecessem fiadores até que fossem julgados e, entre eles, estava Calixeno. Outros quatro também foram acusados e encarcerados por seus fiadores; porém, mais tarde houve uma revolta na qual Cleofonte foi executado e eles fugiram antes de serem julgados. Calixeno regressou quando os do Pireu entraram na cidade e morreu de fome, odiado por todos.

O livro 1 termina, portanto, com o retrato da confusão moral e corrupção que assolava Atenas. A justiça e a piedade, na visão de Xenofonte, perderam-se em meio à guerra e aos interesses políticos e individuais de cidadãos, e esse estado de decadência política, que resultará na derrota final para Esparta, dois anos depois, já estão sinalizados nas manifestações da natureza e na queima dos templos. Afina-se, assim, essa interpretação com a de Tuplin (1993), a respeito da unidade temática da segunda parte das *Helênicas* que ele analisa. Conforme o autor, o tema principal da segunda parte da obra são os perigos da ambição imperialista no mundo grego e da corrupção moral e política gerada por ela que conduzem a derrocada de todos os sistemas políticos. Se, na segunda parte, o tema da corrupção e a ambição está voltado a Esparta, na primeira, o tema aparece na política ateniense.

Em contrapartida, é na narração das ações espartanas que vislumbramos a descrição do caráter de líderes modelares, outro tema relevante e mais desenvolvido na segunda parte das *Helênicas*. Em algumas passagens da primeira parte, comportamentos de determinados generais são elogiados ou criticados pelo narrador. A própria presença dessas pequenas anedotas já é significativa, comparada pela ausência de informações semelhantes a respeito de outros personagens, cuja narração, em geral, é limitada, com informações diretas e concisas das ações e movimentações por mar e por terra. Há quatro casos de generais a quem Xenofonte dedica especial atenção: o siracusano Hermógenes e os espartanos Lisandro, Calicrátidas e Eteônico.

Hermócrates foi um general siracusano que lutava ao lado de Esparta e com a derrota na batalha Cízico, junto com os outros estrategos, foi deposto e exilado. Assim, conforme as *Helênicas* (1.1.27-31), os estrategos siracusanos

Convocaram, então, seus soldados, e com Hermócrates, falando em seu próprio nome, lamentavam-se do infortúnio, pois todos haviam sido injustamente exilados, contrário à lei. Exortava-os a serem zelosos no futuro, como foram no passado, e a sempre serem homens corajosos diante das ordens. Ordenaram, também, que eles elegeassem arcontes, até que os eleitos chegassem para os seus lugares. [28] No entanto, aos gritos, os soldados, principalmente os trierarcas, os *epibátai* e os pilotos, pediam que aqueles mesmos fossem os arcontes. Porém, diziam que não deviam se rebelar contra a própria cidade, mas se alguém os censurava por algo, declararam que era conveniente apresentar um discurso, “recordando quantas batalhas navais vós mesmos haveis vencido, e navios tomado, e quantas vezes, com aliados, haveis sido invencíveis sob nosso comando, mantendo a melhor formação, graças a nossa virtude e o vosso zelo, que manifestastes tanto na terra quanto no mar.” [29] Mas, como ninguém os acusou de nada, permaneceram em seus postos até que chegassem os estrategos para o lugar deles, Demarcos, filho de Epicides, Miscon, filho de Menécrates e Pótamis, filho de Gnósia. A maioria dos trierarcas jurou trazê-los de volta, quando chegassem a Siracusa, e, elogiando-os, conduziram todos para onde desejavam. [30] Especialmente os que mantinham relações com Hermócrates lamentavam, sobretudo, quanto à diligência, zelo e afabilidade, pois, ao amanhecer de cada dia, e também ao cair da tarde, ele reunia junto a sua tenda os mais qualificados entre os trierarcas, pilotos e *epibátai* que reconhecia, e discutia em comum o que tinha intenção de dizer e de fazer, além de instruí-los, colocando temas tanto para falarem de improviso, quanto depois de refletirem. [31] Por isso, Hermócrates era muito estimado na assembleia geral, dando a impressão de sempre falar e propor o que era melhor.

Fica evidente na narração a não concordância dos soldados a respeito das decisões tomadas, não só em relação a Hermócrates, como também aos outros estrategos. No caso de Hermócrates, o descontentamento é justificado pelo narrador pela sua conduta em relação aos soldados, definida como diligente, zelosa e afável, além de trazer os seus melhores trierarcas, pilotos e *epibátai* para discussões em sua tenda, tornando-os participantes das decisões. A conduta de Hermócrates está em consonância com as práticas de Ciro, na *Ciropedia*, que, conforme o narrador, costumava receber os seus melhores soldados e generais para discutir assuntos sérios e cômicos (*spoudaiogéloion*), preocupado na formação de seus soldados. A descrição da conduta de Hermócrates é a primeira demonstração de comportamento modelar de um general nas *Helênicas*, que, no entanto, não impediu a derrota de sua tropa. Conforme Tuplin (1993, pp. 163-8), o elemento didático que ilumina as qualidades – ou a ausência delas – técnicas e morais dos generais são apresentados nos episódios de modo circunstancial, sendo que nem sempre são decisivas para a derrota ou a vitória. Diferentemente do que ocorre na *Ciropedia*, em que as qualidades de um Ciro idealizado se sobrepõem às vicissitudes da guerra, nas *Helênicas*, narrativa historiográfica, há outros elementos que implicam a vitória e a derrota, porém, pincelando aqui e ali, dedicando

maior atenção a alguns valores, Xenofonte vai esboçando sua compreensão do que deve ser o comportamento de um líder.

No contraste entre as ações dos espartanos Lisandro e Calicrátidas, por exemplo, podemos vislumbrar alguns desses aspectos, especialmente no que respeita ao interesse pecuniário dos seus soldados e a busca de dinheiro e mantimentos. Em 1.5, Lisandro, eleito navarco espartano, encontra-se com Ciro, que fora enviado pelo Rei persa, faz reclamações da conduta de Tissafernes e pede um maior soldo para seus soldados. Diante da recusa de Ciro, que se justificava por estar sujeito às ordens do Rei, Lisandro se cala, mas depois, em um encontro na tenda do príncipe persa, consegue seus objetivos:

[...] quando Ciro, depois de fazer-lhe um brinde, perguntou-lhe o que poderia fazer para agradá-lo mais, ele respondeu: “Acrescentar um óbolo no soldo de cada nauta”. [7] Por causa disso, o soldo, que antes era de três óbolos, passou a ser de quatro.

A preocupação de Lisandro quanto à melhoria das condições de seus soldados é exemplar pela abdicação de seus desejos individuais pelo bem comum; podendo pedir qualquer coisa ao príncipe, preso à sua palavra dada no brinde, ele prefere escolher o melhor para a tropa. Gray (1989, p. 11) define essa cena como uma “conversationalized narrative”, diz que ela é bastante comum em Heródoto e também na segunda parte das *Helênicas*, pelo estilo anedótico.

Em comparação a Lisandro, Calicrátidas falha em obter mais recursos para sua tropa. Em 1.6.1-3, diz o narrador que, tendo decorrido o tempo de Lisandro como navarco, Calicrátidas é enviado pelos espartanos para assumir seu posto e, diante de um desentendimento entre os dois, Calicrátidas passa a notar o descontentamento dos soldados com a troca de navarco. Temendo uma conspiração, faz um discurso cobrando que os descontentes se declarassem abertamente; como ninguém se prontificou, Calicrátidas vai “ao encontro de Ciro e lhe pediu o soldo para os marinheiros e este lhe disse que esperasse dois dias” (1.6.6). Cansado de esperar diante das portas fechadas, Calicrátidas faz outro discurso, desta vez prometendo bons prêmios aos soldados e reclamando da subserviência dos gregos para com os bárbaros, porém o narrador dá a entender que o principal sentimento que o discurso gerou foi o medo (1.6.12). Assim, enquanto Lisandro, com inteligência e argúcia, consegue o soldo para os seus soldados, Calicrátidas nem é recebido por Ciro; envergonhado, mas também temeroso de perder a sua liderança, utiliza-se de ameaças e do medo para manter o comando; tudo isso, aliado à sua inexperiência, parecem justificar a derrota em Arginusas e o retorno de Lisandro para a batalha de Egaspótamos.

A ameaça e a violência como forma de manter o controle das tropas aparecem também na luta de Eteônico para conter a sublevação das suas tropas descontentes (2.1.1-5). Com a chegada do inverno em Quios, os soldados ficaram descontentes com a falta de alimentos e roupas, e começaram a se organizar para atacar a cidade de Quios. Eteônico descobriu que os favoráveis a essa decisão andavam carregando um cálamo e, certo dia, ao encontrar um homem com oftalmia portando o cálamo, matou-o; fez em seguida percorrer

entre os soldados a notícia e, assim, conseguiu conter os projetos deles. Na sequência, Eteônico passa a exigir pesados tributos dos quietas e estes enviam à Lacedemônia embaixadores pedindo que novamente fosse Lisandro o navarco, por conta da sua boa atuação anterior. Os espartanos obedecem ao pedido e Lisandro é enviado e, pouco tempo depois, será o grande responsável pela vitória espartana em Egaspótamos, dando fim à Guerra do Peloponeso. O bom comportamento anterior de Lisandro, assim, rende frutos tanto a ele quanto à cidade.

Portanto, a partir da nossa leitura de uma escrita contínua, as *Helênicas* ganham em unidade temática e estrutural. Tomando a primeira parte da obra como uma narrativa sumária, as diferenças de estilo encontradas em alguns episódios deixam de parecer pequenas extravagâncias e tornam-se elementos significativos, revelando os temas que serão trabalhados com maior desenvolvimento literário na segunda parte. Além disso, através da crítica à corrupção na democracia e do elogio ao comportamento espartano, Xenofonte traça o que, para ele, justifica a vitória de Esparta na guerra e, conseqüentemente, o nascer de um novo tempo: a hegemonia espartana. Entretanto, a queda dos espartanos diante dos tebanos, narrada na segunda parte, é motivada menos pelas qualidades militares destes do que, segundo Tuplin (1993), pela corrupção, injustiça e impiedade que nasce da hegemonia daqueles. A principal mudança, nesse sentido, é o foco em que os temas dos problemas de liderança, da corrupção política e da busca desmedida por hegemonia na Grécia se apresentam na narrativa: Atenas, na primeira parte; Esparta, na segunda. Assim, cada uma ao seu estilo, as duas partes da narrativa se espelham, criando, com isso, uma unidade temática que conduz à ideologia e à visão de história do “ateniense filoespartano” Xenofonte.

Referências bibliográficas:

- ANDERSON, J. K. *Xenophon*. London: Bristol Classical Press, 2008
- ARISTÓTELES. *Virtudes e vícios*. Tradução de M. Reus Engler. Kriterion. Belo Horizonte, vol.55 n°130, Dec. 2014. pp.739-746.
- BROWNSON, C. L. *Hellenica I-II*. Londres; Cambridge; Massachussets: Loeb Classical Library, 1968.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 2009.
- COULANGES, F. de. *La ciudad antigua*. Prólogos de Carlos García Gual. Traducción de Alberto Fano. Madrid: Edaf, 2006.
- DELEBECQUE, É. *Essai sur la vie de Xénophon*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1957.
- DILLERY, J. In: XENOPHON. *Anabasis*. Trad. Carleton L. Brownson, revisada por John Dillery. Cambridge; London: Harvard University Press, 2001. Loeb Classical Library.
- DIONISIO DE HALICARNASO. Sobre la imitación. In: _____. *Tratados de crítica literaria*. Trad. Juan Pedro Oliver Segura. Madrid: Gredos, 2005.

- DOVER, K. J. *Greek popular morality*. In the time of Plato and Aristotle. Oxford: Basil Blackwell, 1974
- GRAY, V. J. *The character of Xenophon's Hellenica*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1989.
- _____. Continuous History and Xenophon, Hellenica 1-2.3.10. *The American Journal of Philology*, vol. 112, n°2. 1991.p. 201-228.
- HATZFELD, J. Notice. In: XÉNOPHON. *Helléniques*. Paris: Les Belles Lettres, 1973. p. 5-27.
- HUTCHINSON, G. *Xenophon and the art of command*. London: Greenhill Books, 2000.
- LEÃO, D. Matéria religiosa: processos de impiedade (asebeia). In: LEÃO, D.; ROSSETTI, L.; FIALHO, M. do C. G. Z. (Eds.). *Nomos: Direito e Sociedade na Antiguidade Clássica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Madrid: Ediciones Clásicas, 2004. p.201-226.
- LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- McLAREN, M. A supposed lacuna at the beginning of Xenophon's Hellenica. *The American Journal of Philology*, vol.100, n°2, 1979, p.228-238.
- McLAREN Jr, M. On the composition of Xenophon's Hellenica. *The American Journal of Philology*, vol.55, n°2, 1934a, p.121-139
- _____. On the composition of Xenophon's Hellenica. Pt.II. *The American Journal of Philology*, vol.55, n°3, 1934b, p.249-262.
- NIEBUHR, B. G. Über Xenophons Hellenika. *Rheinisches Museum* 1. 1827, p.194-8.
- POLIBIO. *História Programática*. Livros I a V. Tradução, Introdução e Notas de Breno Battitin Sebastiani. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2016.
- RAHN, P. J. Xenophon's developing historiography. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 1971. Vol. 102, p.497-508.
- SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- STRASBURGUER, G. Xenophon, Hellenika. *Griechisch-deutsch* (Tusculum), München, 1970.
- THOMAS, D. In: STRASLER, R. B. *The Landmark Xenophon's Hellenika*. Translated by John Marincola with an Introduction by David Thomas. New York: Pantheon Books, 2009.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. De Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- TUNÓN, O. G. In: JENOFONTE. *Hellénicas*. Introducción, traducción y notas de Orlando Guntiñas Tuñón. Madrid: Gredos, 1977.
- TUPLIN, C. *The Failings of Empire*. A reading of Xenophon *Hellenica* 2.3.11-7.5.27. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.
- WHITE, H. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.
- XENOFONTE. *A educação de Ciro*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1965.

XÉNOPHON. *Helléniques*. Tome I (Livres I-III). Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

_____. *Helléniques*. Tome II (Livres IV-VII). Texte établi et traduit par J. Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, 1965

XENOPHON. *Hellenika*. Tradução de John Marincola. New York: Anchor Books, 2009.

